



Banalização da vida

Nosso bem mais precioso nunca foi tratado com tanta frieza quanto nos dias atuais, em que uma pessoa morre a cada cinco minutos vítima de assassinato ou acidente de trânsito

SILVÂNIA ARRIEL

Há 10 minutos havia dois corpos estendidos no chão em algum canto do Brasil. Antes que você termine de ler essa reportagem haverá mais dois, vítimas de assassinatos e do trânsito. De 10 em 10 minutos morrem duas pessoas, no dia 144, na semana mais de mil, no mês 4.032, em dois meses chega-se perto do número de mortos do terremoto, do tsunami que varreu o Japão no dia 11 de março. Lá teve visibilidade nas imagens sequenciais das ondas gigantes no arquipélago do oceano Pacífico, aqui a brutalidade diária medida pelo Mapa

da Violência não abala, passa quieta, despercebida na miudeza cotidiana, diluída entre seus mais de 190,7 milhões de habitantes no Brasil. Morrem de forma antinatural, violenta, como se fosse normal, fizesse parte da vida desse país. São anônimos, reduzidos a número, mais um nesse genocídio no quarteirão de casa, na outra cidade, noutro estado.

Ouve-se falar do motorista bêbado que atravessou a pista, bateu em outro carro e deixou dois mortos, da mulher que assassinou a filha do amante, do jovem que atirou no jogador e afir-

mou “antes ele do que eu”. Mas quase não se identifica, age para cessar essa brutalidade, que tornou rotina, banalizou-se. “Uma cultura que não nomeia seus mortos e não cumpre ritual de despedida, tem poucas possibilidades de reconhecer o valor da vida”, diz a psicanalista Maria Laurinda Ribeiro de Souza, professora do Instituto Sedes Sapientiae. Desvalorizou a existência, a dos outros, no pregão da vida. Por que essa perda, cada dia mais frequente, aceita, cotidiana? Fomos buscar ajuda dos especialistas para tirar essa visão rasa sobre o assunto es-

Arte: Paulo Werner




que a princípio organizava, garantia a vida em grupo, está acabando”, diz o psiquiatra e psicanalista Helio Lauer, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC Minas).

Há perda ética, de valores, de disciplinas. Só vale o que se refere a mim. “O egoísmo é inerente ao ser humano, que está longe de ser generoso e altruísta. Mas penso que há também uma extrema desqualificação do outro na nossa sociedade, de eus obesos e nar-

cisísticos”, explica a psicanalista Junia Vilhena, professora da PUC Rio. Paga-se o preço do rompimento do cordão social que nos une à vida: a violência está aí, nos corpos estendidos por todos os cantos, que quer queira ou não afeta todos, você. Não há como sempre desviar, eles submergem às margens da sociedade desfacelada.

Mas o que fazer? “Não existem soluções mágicas. São necessárias mudanças estruturais profundas que impliquem garantia efetiva da cidadania para todos, muito além das práticas assistencialistas”, diz o sociólogo Moisés Augusto Gonçalves, professor da PUC Minas. Volta-se ao chamado da coletividade e aí entra a política. “Por mais que esteja desgastada, que crie interesse de grupos, só ela tem discurso que pode incluir o coletivo. Não tem como mudar o projeto social sem a política”, afirma Helio Lauer. Voltar a encher os espaços coletivos e políticos.

“O que assistimos hoje, em nível das revoltas na Tunísia, no Egito, na Líbia, levam-nos a voltar os olhos, novamente, para a importância transformadora da juventude e da coletividade”, argumenta a psicanalista Maria Laurinda Ribeiro. Deixar você de lado e voltar a ver o outro, identificar-se com ele, reagir, a se indignar com a violência, com a miséria espalhada pelas cidades, cobrar, unir-se. “Hoje as pessoas são assaltadas e nem vão à delegacia. A violência passou a ser natural”, lembra Lauer. É cada um para si, mas estamos no meio do mundo. “Temos que considerar que a solidariedade se constrói a partir do enlace com o outro e que, se ele desaparece como figura potencializadora da humanização, a vida se torna vazia e, então, nada tem tanta importância. Tudo é possível, inclusive a convivência com os mortos na rua”, diz Maria Laurinda. Até quando vamos deixar amontoar corpos. Hoje 114, amanhã 228, no fim do ano mais de 50 mil? A resposta é nossa. 

» GENOCÍDIO

Confira dados estatísticos de 2008



50.113

pessoas assassinadas,
6 por hora

17,8%

de aumento
em 10 anos



39.211

morrem em acidentes de
trânsito, 4,4 por hora

20,8%

de crescimento
em 10 anos



17,2% foi o aumento da
população brasileira

Fonte: Mapa da Violência 2011

tampado nas manchetes. Eles são unânimes em apontar a individualidade que reina no mundo contemporâneo, visível, como a razão da falta de sensibilidade frente à barbárie alheia.

“Se o palco não comporta a presença de todos os personagens e alguns são de menor valor do que os outros, que estes sejam eliminados: antes eles do que eu”, avalia Maria Laurinda. O que importa são as restritas cercanias consanguíneas, de amizade, neste mundo globalizado, interligado. Reunido, socializado para conter a brutalidade desde os primórdios da existência e que agora, ironia das ironias, se vê acorrentado à violência, porque sacrifica, rompe a relação com o outro, que dá proteção à vida. “A sociedade parece estouro de boiada, não tem mais porteira. O